



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância
Curso de Licenciatura em Geografia

LINDOMAR DA SILVA SOUZA

**CULTURA DE UMBUZEIRO - PARAÍBA: ASPECTOS HUMANOS,
SOCIAIS E CULTURAIS DE UMA CIDADE DE TRADIÇÕES**

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO DE 2015

LINDOMAR DA SILVA SOUZA

**CULTURA DE UMBUZEIRO - PARAÍBA: ASPECTOS HUMANOS, SOCIAIS E
CULTURAIS DE UMA CIDADE DE TRADIÇÕES**

Trabalho apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof.º Mc Sérgio Ricardo da Costa Simplício

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO DE 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719c Souza, Lindomar da Silva.
Cultura de Umbuzeiro - Paraíba [manuscrito] : aspectos humanos, sociais e culturais de uma cidade de tradições / Lindomar da Silva Souza. - 2015.
43 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.
"Orientação: Prof. Me. Sérgio Ricardo da Costa Simplicio, Secretaria de Educação à Distância".

1. Cidade de Umbuzeiro. 2. Cultura. 3. Geografia. 4. Festas. 5. Tradição. I. Título.

21. ed. CDD 306

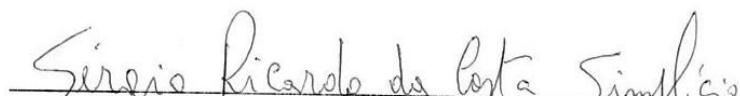
LINDOMAR DA SILVA SOUZA

**CULTURA DE UMBUZEIRO - PARAÍBA: ASPECTOS HUMANOS, SOCIAIS E
CULTURAIS DE UMA CIDADE DE TRADIÇÕES FESTIVAS**

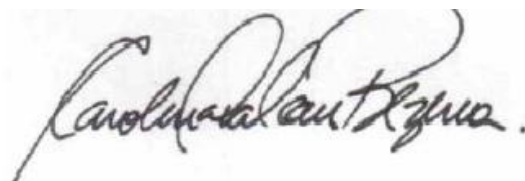
Trabalho apresentado junto ao Curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em geografia.

Aprovado em: 25/11/2015

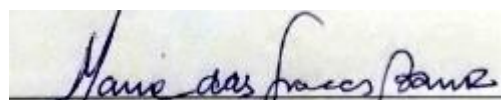
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Sérgio Ricardo da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Carolina Cavalcanti Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Maria das Graças Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTO

Agradeço ao bom Deus que é nosso Criador, ele foi quem nos concedeu a vida e nos deu alegria de pisar nessa terra, onde germina as sementes e brota vida nova.

Agradeço a Virgem do Livramento e a seu filho Jesus por me protegerem em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Severino e Josefa que sempre lutaram para me dar o presente mais precioso do mundo que é o estudo.

Agradeço do fundo do meu coração as minhas colegas: Geisianne Antonita do Nascimento e Josefa Gizele do Nascimento.

A meus irmãos por sempre me apoiaram.

A coordenadora do curso Professora Mestre Carol e a tutora Elayne, meu muito obrigado pelo incentivo.

A todos os professores do Curso Geografia EAD da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

A meu orientador, Professor Ms Sérgio Simplício, meu muito obrigado pelo apoio e incentivo para chegar à conclusão deste curso.

RESUMO

A cultura sempre está interligada com o seu povo. Autores, principalmente da Antropologia, discutem cada vez mais os conceitos de cultura e estes conceitos são cada vez mais inseridos na realidade das sociedades. Com relação à escolha do objeto e universo de estudo se deu a partir das vivências em caráter a origem e evolução da cidade de Umbuzeiro, tendo em vista que apesar de existirem algumas bibliografias centradas nesta temática, percebem-se muitas vezes um predomínio de punho político que se sobressai as demais informações mencionadas. Considerando que escrever, hoje, sobre a cultura de Umbuzeiro torna-se um trabalho de grande satisfação devido à bela trajetória que essa pequena cidade trilhou ao longo do tempo, espera-se que este trabalho possa contribuir como fonte de pesquisa para aqueles que de alguma forma desejam aprofundar seus conhecimentos à cerca da cultura dessa cidade. Além da possibilidade de servir como embasamento teórico, nesta monografia quero configurar uma fonte de informações com os demais materiais já existentes. Este fará parte do documento que compõe o acervo de pesquisa local. Por isso, fazem-se tão necessário relatar aqui de maneira fiel e objetiva os documentos que incluem relações sociais, padrões de vida e costumes desse povo. Assim sendo, espera-se que este trabalho atenda as expectativas de quem por curiosidade ou necessidade venha a explorá-lo em busca de novas descobertas a respeito da geografia e cultura da cidade em questão. Enfim, se trata de um projeto coerente e atual que pretende contribuir em todos os eixos, desde a origem até de anos recentes como documentos de análise.

Palavras-chave: Cidade, Cultura, Geografia, Festas.

Abstract

Culture is always connected with his people. Authors, especially anthropology, discuss increasingly the culture concepts and these concepts are increasingly inserted in the reality of societies. Regarding the choice of the object and study the universe occurred from experiences in karate the origin and evolution of the city of Umbuzeiro, considering that although there are some bibliographies centered on this theme, notice is often a predominance of political fist that sticks out the other information mentioned. Whereas write today about the culture of Umbuzeiro becomes a work of great satisfaction because of the beautiful path that this small town trod over time, it is expected that this work can contribute as a resource for those who in some so they want to deepen their knowledge about the culture of this city. Besides the possibility to serve as theoretical background, this monograph want to set up a source of information with other existing materials. This will be part of the document that makes up the local search aquis. So if you do it as necessary to report here faithfully and objectively documents include social relations, living standards and customs of this people. Therefore, it is expected that this work meets the Explanatory who out of curiosity or need will explore it in search of new discoveries about the geography and culture of the city in question. Anyway, it is a coherent and current project that aims to contribute in all axes, from the origin to the recent years as analysis of documents.

Key words: City, Culture, Geography, Parties

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 CAPÍTULO 1	11
2.1 OS PRECURSORES E OS CLÁSSICOS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	11
2.2 SURGIMENTO DE NOVAS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO.....	14
2.3 CULTURA E DESENVOLVIMENTO.....	16
3 CAPÍTULO 2	19
3.1 UMBUZEIRO E SEUS ASPECTOS CULTURAIS.....	19
3.2 GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO.....	19
3.3 A CONQUISTA DE UMBUZEIRO.....	20
3.4 RELEVO, VEGETAÇÃO E CLIMA.....	20
3.5 CLIMA DE UMBUZEIRO.....	20
3.6 HIDROGRAFIA.....	21
3.7 ECONOMIA DE UMBUZEIRO.....	21
3.8 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO ESTÁ DIVIDIDA EM QUATRO PARTES.....	23
3.9 FILHOS ILUSTRES DE UMBUZEIRO QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO NOSSO PAÍS.....	28
3.10 VIDA EDUCATIVA E CULTURAL.....	28
4 CAPÍTULO 3	30
4.1 A HISTÓRIA DO CARNAVAL.....	30
4.2 MÁSCARA DE CARNAVAL.....	33
4.3 A HISTÓRIA DO BLOCO.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

As ciências sociais estão cada vez mais envolvidas com o debate estudado pela Antropologia que busca conceituar a cultura. Destacamos que a cultura é tudo aquilo que o homem faz. Significa cultivar e vem do latim. Nesse sentido a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em todos os sentidos, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro dela que é. Cada povo, cada país, tem a sua própria cultura, que é influenciada por vários fatores.

A cultura é definida em ciências sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através de sua vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social. Já em biologia a cultura é uma criação especial de organismo para fins determinados.

Neste trabalho pretende-se abordar os aspectos geográficos e culturais dos habitantes do município de Umbuzeiro - PB, que se localiza na microrregião dos Cariris Velhos. Esse tema foi escolhido devido a sua busca de maneira satisfatória e ampla pelo conhecimento do passado na construção de uma cidade que marca, de forma geográfica, o estado da Paraíba, e vem deixando plantada sua cultura desde os seus primeiros moradores.

Como nos afirma os antigos moradores, essa cidade foi criada pelo decreto Nº 15, aprovado e assinado no dia 02 de maio de 1890, durante o Governo Provisório da Parahyba do Norte. Antes disso, esta mesma cidade foi marcada pelo acontecimento da guerra dos Umbuzeirenses contra os Holandeses, no dia 17 de novembro do ano 1638.

A cidade está localizada na zona Fisiografia da caatinga, sendo considerada uma das cidades mais altas da Paraíba por estar a 541 metros acima do nível do mar, ficando a 147 quilômetros da Capital João Pessoa. A mesma possui seus limites com as cidades de Gado Bravo - PB (ao norte), Aroeiras - PB (ao leste), Natuba - PB (ao sul) e Santa Cecília - PE (ao oeste), além da presença rios intermitentes.

O município tem uma extensa vegetação e clima agradável, caracterizado como chuvoso e seco. Em sua economia destaca-se a criação de gado da raça GIR, conhecida como leiteira pioneira no Brasil, como também dedica suas principais atividades produtivas na agricultura e no comércio local, que é varejista.

Outro ponto marcante da cidade é a religiosidade do seu povo. O catolicismo é a religião predominante, podendo ser inserida em sua cultura, pois os principais eventos da

cidade são de cunho religioso. Não deixando de vivenciar a cultura religiosa, que é bem frequentada pelos fieis, existe em Umbuzeiro a tradicional festa carnavalesca, que tem por objetivo causar alegria no nosso povo, deixando as ruas cada vez mais alegres com enfeites e carros alegóricos, e com as pessoas cantando e dançando.

Aqui, apresentar-se-á um trabalho de ordem analítica e apresentativa que objetiva mostrar através de pesquisa bibliográfica a trajetória do povo umbuzeirense considerando seus costumes, cultura, lutas sociais e políticas, sem, contudo ocultar os encontros e desencontros promovidos no decorrer do tempo em seu interior.

Para tanto, Este projeto de pesquisa visa promover o resgate cultural da história da cidade de Umbuzeiro ante os acontecimentos, fatos e relatos dos 125 anos de emancipação política resgatado, também, os acontecimentos anteriores a essa data e que contribuíram para a sua evolução.

Temos como objetivo geral deste trabalho, relatar a cultura de Umbuzeiro dando ênfase nas transformações ocorridas ao longo do seu desenvolvimento cultural, econômico e político. E como objetivos específicos resgatar alguns fatos levando em consideração questões econômicas, sociais e políticas; como também mostrar a influência da tradição das festas religiosas para a sociedade local; pretende-se também discutir as manifestações culturais que atribuíram para o desenvolvimento de Umbuzeiro; e por fim, mostrar os carnavais de rua como uma tradição cultural da cidade de Umbuzeiro.

Este tema é de grande relevância para este pesquisador, já que estamos empiricamente muito envolvidos no universo da pesquisa e em toda a estrutura da cidade de Umbuzeiro. Com relação à metodologia, utilizamos como instrumentos, a pesquisa exploratória, a entrevista e a observação. Instrumentos estes que nos possibilitou uma aproximação bem mais relevante ao objeto estudado.

2 CAPÍTULO 1

2.1 OS PRECURSORES E OS CLÁSSICOS REGIONAIS DO DESENVOLVIMENTO

Em todo o mundo o processo de desenvolvimento econômico se dá de forma diferente e constante, em algumas regiões ele se mostra mais eficiente e produtivo, levando-as a aumentar os índices de crescimento econômico ao ponto dessas regiões se destacarem em nível regional, nacional e até global. A dinâmica econômica regional foi estudada por diversos teóricos, especialmente após a segunda guerra mundial como François Perroux, Jacques Boudeville, Amartya Sen e o brasileiro Celso Furtado. Nesse momento faremos um passeio por esses teóricos e justificaremos nosso debate. Destacando os conceitos de desenvolvimento proposto por Sen (2000) e Furtado (2009), por acreditarmos que seus conceitos se adaptam melhor no nosso objeto de estudo.

Segundo Smolka, as atividades econômicas não são vistas em todas as partes do território. A concentração econômica, as descontinuidades espaciais e as desigualdades regionais são inevitáveis, geralmente no início do processo de crescimento e de ocupação do território regional. A não importância do elemento espaço na análise econômica se deve muito à influência inglesa na formulação da teoria econômica. A Inglaterra está situada numa ilha relativamente pequena de acesso barato e fácil por todos os lados, particularmente por se considerar a via costeira. Por isso, é natural a pouca importância dada à variável distância (SMOLKA, 1983).

Mesmo não havendo a devida atenção ao aspecto espacial nas análises econômicas, notamos que referências, neste tipo de literatura, remontam a época mercantilista entre 1450 e 1750. A criação de políticas econômicas intervencionistas e protecionistas foi formulada a partir da preocupação com balança comercial favorável. O fator distância entre os territórios envolvidos em negociação tinha que ser considerados, conseqüentemente à distância a forma empregada para a circulação dos bens também precisava ser levada em conta. Essa realidade fazia com os mercantilistas defendessem o crescimento demográfico interno, a expansão das cidades e a proteção à indústria e ao comércio, desta forma, a questão territorial, não só era levado em consideração na análise econômica, como era fundamental para a elaboração de suas políticas e práticas. Neste sentido, no Brasil a noção espacial foi elementar para o desenvolvimento regional e nacional. Vejamos, então, os posicionamentos de teóricos do desenvolvimento:

William Petty (1623-1687), precursor da escola clássica acreditava que o crescimento demográfico e os desenvolvimentos das grandes cidades expandiam os mercados e facilitava a divisão do trabalho. Além disso, considerada também que salários altos estimulam a preguiça, excesso de moeda em circulação elevava os preços, seria preferível queimar o excesso de produção de tecidos não exportados caso contrário acarretaria desemprego, uma população numerosa gera riqueza para a nação.

Richard Cantillon, francês que viveu entre 1660 e 1734, defendia a necessidade da articulação entre as cidades e o campo para que se possa realizar um estudo a cerca das grandes cidades e de suas vantagens. Na sua teoria a terra seria a única fonte de riqueza, e as rendas criadas na zona rural seriam gastas nas cidades, formando, assim, os grandes mercados. Para ele, a partir das criações dos mercados surgiram às aldeias e, através do desenvolvimento desses mercados, inicialmente periódicos e depois permanentes, essas aldeias tornaram-se cidades, capitais regionais, neste caso exercendo influência econômica sobre centros urbanos menores que próximos aos maiores aglomerados urbanos. Esta influência, para Cantillon, criou uma hierarquização das cidades, onde as maiores seriam metrópoles regionais, com maior influência e poder econômico, descendo na hierarquia, quanto menor a cidade menor influência possui. Entretanto, os fluxos e serviços no território poderiam acontecer na ordem ascendente ou descendente, na primeira o fluxo vai do menor para o maior, isto é, campo-aldeia-cidade-metrópole, enquanto na segunda ocorre o inverso.

Adam Smith (1723-1790) claramente leva em conta, o fator espaço em sua obra capital, *A riqueza das nações* (1776) diz claramente que a implantação dos mercados oferece maior divisão de trabalho aumentando a produtividade e a riqueza nacional, e que várias ocupações só podem ser executadas em cidades de grande porte (SMITH, 1983). O crescimento econômico concentra as atividades em função da localização da mão de obra e dos consumidores. O produto estando isolado se torna mais difícil à divisão do trabalho e a especialização. Com uma extensão pequena o mercado local não pode dispor de um produto em larga escala e para que seus produtos sejam valorizados, ele precisa expandir sua produção para outras áreas, para isso necessita de meios de transporte mais baratos e eficientes.

Segundo Smith, a agricultura e a indústria surgiram próximas dos transportes fluviais e marítimos a partir deles diminuem os preços de comercialização e expandem os mercados. As margens dos rios tendem a desenvolver e expandir a população e as atividades econômicas nas margens dos rios ao lado dos portos marinhos. Já no interior das regiões distantes das vias naturais de transportes e de penetração sem as fontes de riqueza e das jazidas minerais ou outras riquezas, a população tem certa tendência a se tornar menos densa com os mercados

estreitos, resultando a quase nenhum tipo de desenvolvimento. Smith evidencia a riqueza da bacia no Nilo, no Egito, e dos Ganges, na Índia, contrapondo a pobreza no interior da África (SMITH, 1983). O desenvolvimento da Inglaterra, do Canadá e dos Estados Unidos foi impulsionado pela abertura de canais e construção de ferrovias interligando em diversas regiões década um desses países (SOUZA, 2005).

Ricardo (1772-1823), em seus princípios (1817), ao analisar a renda da terra refere-se ao elemento espaço. As terras mais produtivas e melhores são ocupadas primeiro, depois, pelo crescimento demográfico, os agricultores vão ocupando as áreas capaz de produzir com facilidade e mais distantes dos mercados. Esse deslocamento será rápido na ausência de importações e de processo técnico que aumente a produção nas áreas tradicionais e mais próximas dos mercados. Surge a importância de resultado econômico das melhores terras, em função da ocupação de outras não produtivas e da diferença na produção. Se as terras fossem “abundantes e uniformes em qualidade, seu uso nada custaria, a não ser possuísem particulares vantagens locacionais ou proximidade dos mercados” (RICARDO, 1982). Tendo em vista que os preços são determinados nas terras piores e mais distantes dos centros urbanos, os produtores que se localizam mais próximos do mercado auferem uma renda locacional.

Para Ricardo, a análise sobre os valores feitos no comércio exterior deve ser feito a partir do custo de trabalho, isto é, sem se considerar a distância e seu conseqüente transporte, desta forma, cada país importa o que para que ele mesmo produzisse internamente demandaria maior custo de trabalho, exportando, portanto, os de menor custo.

Neste sentido, os economistas clássicos, mão de obra e o capital constituem os fatores de produção mais importantes. Assim sendo, sua localização e a variação espacial dos salários afetam a localização da empresa.

Jonh Stuart Mill (1806-1873) afirmou que “aos custos de produção se deve acrescentar os salários dos transportadores que transportam quaisquer objetos e utensílios de produção ao local em que tinham que ser utilizados, e o próprio produto ao local em que este deve ser vendido” (MILL, 1983), assim sendo, para ele, o custo total de um produto deve levar em consideração as despesas com transporte, haja vista que este valor variará de acordo com a distância, logo, influenciado no valor final.

Insta salientar que historicamente a atividade econômica, como defendeu Alfred Marshall (1842-1924), tende a se localizar em alguns sítios, sendo suas produções voltadas para a exportação para outros centros consumidores. O termo economias externas foi cunhado

por Marshall para designar os benefícios advindos da concentração das atividades produtivas em algumas localidades (MARSHALL, 1982).

Fez a distinção de economias externas e economias internas. Estas sendo as mais típicas economias de escala, as mesmas acontecem do aumento das quantidades produzidas, da melhoria da eficiência produzida, da melhor organização da produção do nível da empresa. As economias externas estão ligadas ao desenvolvimento geral da indústria, da concentração de empresas independentes em uma localização. Elas surgem fora da empresa e não dependem de sua ação; fazem diferença, criam benefícios que puxam outras atividades, com isso dar impulso ao crescimento, diferenciando de outras localidades (MARSHALL, 1982). Esses benefícios podem ser a proximidade de porto ou rio navegável. Jazidas, terras produtivas, acesso de alguma matéria-prima.

Na concepção dos economistas clássicos, a mão de obra, juntamente com o capital, constitui o maior fator mais relevante para a produção, não havendo, para eles, e verificando nossas pesquisas predestinação ou relação entre o cúmulo de riqueza e a fé ou religiosidade. Desta forma, o homem cria suas riquezas a partir de seu esforço, bem como do meio onde vive.

É sabido que as populações surgiram, em sua maioria, nas proximidades dos rios e mares. Da mesma forma, para os teóricos aqui estudados, as atividades agrícolas e industriais seguiram essa lógica, pois a proximidade com portos sejam marítimos ou fluviais, facilitam a escoação da produção, reduzindo os custos de comercialização, pela utilização dos transportes aquáticos. Em consequência, nas regiões mais afetadas das vias naturais de transporte, o desenvolvimento tende a ser a menor, assim como o tamanho da população, as relações comerciais, etc., tudo isto, independentemente de questões religiosas.

2.2 SURGIMENTO DE NOVAS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Trataremos agora de ideias trazidas em um momento muito importante na história da sociedade. Após a segunda guerra mundial, envolta em um paradigma entre a evolução industrial e uma desigualdade alarmante.

E é a partir dessas diferenças econômicas e sociais que surgiram vários trabalhos no velho mundo sobre estratégias de industrialização de regiões.

Vários estudiosos adentraram no tema na França, Bélgica, onde se destacam Leontief, e o modelo de relações inter-setoriais, que fornecem a noção derivada da polarização técnicas,

onde predomina uma indústria matriz, exercendo relações de dominações em relação às atividades satélites ou subcontratadas.

Em várias localidades do mundo houve ideias acerca de tema, como já foi dito, inclusive na América Latina, como afirma Rivero (2002), segundo ele, nestes países mais pobres o desenvolvimento econômico e social é algo distante, trazidos pelas classes políticas e pelas burguesias capitalísticas internacionais nesses países.

Souza (2009) também relata alguns teóricos que fazem este tipo de análise em torno do desenvolvimento econômico nacional.

Apesar das análises de grandes economistas como Adam Smith e Marshall, como de economistas da linha espacial, como Von Thunen, Welber e Losch, a análise econômica tradicional, de modo geral, prescindiu do fator espacial. Os modelos econômicos têm sido elaborados a partir de suposições como localização ótima da população e da atividade econômica, custos de transportes negligenciáveis e distâncias nulas. A região é considerada como um ponto abstrato e só existe o mercado nacional. As nações comercializam entre se e no interior de cada uma delas somente há um mercado onde interagem a oferta e a demanda, determinado o preço de equilíbrio para um produto específico o qual irá competir no mercado internacional com os preços dos mesmos produtos, formados no contexto de outras economias nacionais, igualmente consideradas como pontos (SOUZA, 2009, p.20).

Para este grupo de teóricos o desenvolvimento econômico tende a ser nacional e nunca regional. Porém, com o crescimento da desigualdade social, surge uma nova análise neste sentido, visto que são nítidas as diferenças que surgem após as crises.

Vimos claramente, que características típicas de cada região influenciam no seu crescimento. O termo regional também tem conceitos diversos neste momento estudado. Para muitos autores, como Philippe Ayalot, a região não passa de um conceito abstrato. As fronteiras nem sempre têm conteúdo econômico, mas obedecem a critérios políticos-administrativos, culturais, naturais e geográficos.

O tamanho da região, sua constituição e desempenho de cada elemento que a compõe influenciarão sua performance em relação à média nacional. Desse modo, não importa a definição de região ou onde são colocadas suas fronteiras: ela terá um dinamismo próprio em função de seus elementos constitutivos seguidamente, portanto, a região tem se definido por sua estrutura econômica; ela se caracterizará pelo maior ou menor dinamismo de crescimento. Áreas dinâmicas tendem a atrair fatores de produção e crescer ainda mais rapidamente, enquanto regiões com problemas estruturais perdem populações e capitais [...] As disparidades regionais se agravam com o crescimento desigual, independente do local onde o analista coloca as fronteiras regionais. Desse modo, definir com precisão cada região apresenta-se como um problema menor. Determinar os mecanismos que causam e aceleram as disparidades espaciais torna-se de fundamental importância na análise regional (SOUZA, 2009, p.30).

De acordo com Rivero (2002) as últimas décadas não nos trazem muitos exemplos de países e cidades que tiveram índice de desenvolvimento. Embora, haja crises no capitalismo e uma certa modernização tecnológica global, cada vez mais os pobres ainda são pobres na classe média.

Não há dúvida de que a revolução industrial na Europa e nos Estados Unidos deu os últimos toques ao Estado-nação moderno, tal como hoje o conhecemos. O desenvolvimento do capitalismo industrial identificou o culto ao Leviatã como a criação de um mercado internacional. O paradigma de um Estado-nação soberano integrado e unido não só por fatores étnicos, culturais e religiosos, como também pelo bem estar material da sua população, espalhou-se pelo planeta acrescentando, dentro do culto ao Leviatã, o rito do progresso econômico nacional. A nossa religião civil surgida a partir de hobbes ficou completa ao passar a pregar que a prosperidade e a felicidade pessoais seriam atingidas por meio do crescimento do PIB do Estado-nação, surgiu assim o mito do progresso e do desenvolvimento que até hoje é perseguido como o Eldorado pela maioria dos países atrasados e subdesenvolvidos que não experimentaram uma autêntica revolução industrial capitalista (RIVERO, 2002, p.33).

Neste sentido podemos concluir que, ideias de desenvolvimento econômico e social são apenas mitos que servem para ludibriar os grandes centros que são sempre bem convidativos. Para este grupo de teóricos, o desenvolvimento econômico tende a ser nacional e não regional. Em decorrência destas ideias surge a afirmação de que as crises produzem efeitos diferenciados no território.

Com isso, podemos concluir que, a ideia de região leva em consideração o conteúdo dos seus elementos constitutivos: nível de renda, estrutura produtiva, estrutura urbana. Em consequência teríamos cidades fadadas ao esquecimento econômico e poucas perspectivas de evolução econômica. Porém, ainda há pessoas que acreditam que podem mudar estas teorias e que ainda existe possibilidade de desenvolvimento e progresso.

2.3 CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Cultura é tudo aquilo que o homem faz. Significa cultivar e vem do latim. Nesse sentido a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em todos os sentidos, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro dela que é. Cada povo, cada país, tem a sua própria cultura, que é influenciada por vários fatores.

A cultura é definida em ciências sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através de sua vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social. Já em biologia a cultura é uma criação especial de organismo para fins determinados.

A principal característica da cultura é o mecanismo da adaptação que é a capacidade que alguns indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica. A cultura também é um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, que vai se transformando, perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar a vivência das novas gerações.

A cultura está contida e entrelaçada com tudo aquilo que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias, simbólicas e reflexivas, de convivermos como seres humanos, de um modo ou de outro dentro de um ambiente e domínios de uma vida social. Ela existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias sociais, símbolos e significados que atribuímos a nós mesmos, as nossas vidas e ao nosso mundo, estamos transformando diferentes sistemas de compreensão de vida e de conduta social, criamos mundos sociais em que vivemos e só sabemos nos mundos sociais que criamos ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver.

Diante desses aspectos, a cultura deve ser vista como fonte de desenvolvimento, não apenas no tocante ao desenvolvimento econômico, mas, sobretudo no sentido do desenvolvimento social, isto é, processos que visem a melhoria no modo de vida das pessoas, enquanto seres humanos, em suas instituições e estruturas de produção, trata-se de um processo de avanço qualitativo e não apenas quantitativo, foco do desenvolvimento econômico.

Desta forma, é importante que haja por parte dos gestores públicos a mentalidade de que é necessário a valorização e manutenção da cultura local, fazendo com que os valores de cada sejam preservados e mantidos, não pela força ou imposição, mas, pelo despertar da consciência de que ausência de valorização dos aspectos culturais inerentes à comunidade pode fazer com que o processo de desenvolvimento aconteça (caso aconteça) de modo que acabe por exterminar culturas fazendo com que pessoas percam a identidade ou grupos de cidadãos passem a não se sentirem integrados a cada processo, deste modo, seus modos de vida podem não ser ideias para seus anseios e vocações.

Se essas lideranças reconhecerem a importância e valorizarem cultura local (...) os processos de desenvolvimento resultarão em modos de viver adequados às características e desejos da população local e na ampliação da capacidade de todos de definir e tentar levar o tipo de vida que valorizam (PFEIFFER, 2012).

Não se trata, portanto, de identificar elementos presentes nas culturas das comunidades que sejam passíveis de serem incorporados à realidade capitalista como mercadoria, pois esta realidade pode causar sérios danos à vivência dos cidadãos que integram cada localidade. Por outro lado, dentro do desenvolvimento das culturas locais, as culturas e autores têm seus valores reconhecidos, através de processos que acabem por criar uma sociedade com práticas de vida adequadas aos seus anseios e sem afetar de modo brusco em nome do desenvolvimento, suas formas de convivência social, tanto no aspecto para com outrem, quanto na relação consigo mesmo, através de identidade pessoal e coletiva.

3 CAPÍTULO 2

3.1 UMBUZEIRO E SEUS ASPECTOS CULTURAIS

Conhecer Umbuzeiro, além de gratificante e enobrecedor, é essencial para o diagnóstico de nossa realidade moral, social, cultural, política e financeira. Nada é mais importante para um povo do que conhecer o seu passado, organizar o seu presente e se estruturar para o futuro.

Nesse mesmo local, destaca-se a casa onde morou o ex-presidente do Brasil Epitácio Pessoa Sobrinho por longos anos.



Figura 1 EMEPA UMBUZEIRO - FOTO :LINDOMAR

A pronta disponibilidade de dados e informações ao alcance dos estudantes, como também de curiosos da vida de Umbuzeiro, é por demais oportuna. Já que a pesquisa é tão importante para nós, estudantes do curso de Geografia, para reviver o passado e viver o presente do nosso querido município, que está encravado sobre as coordenadas geográficas 7°42'52 de latitudes sul e 35° 40'57' de longitude W.

3.2 GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO

Com o descobrimento das Américas passou a pertencer à Espanha. Com o descobrimento do Brasil em 1500 pelos Portugueses, passou a pertencer ao Reino Português.

Vindo a divisão das Capitâneas hereditárias pertencerem á província da Paraíba a partir de 1585.

Quando houve sua criação, o município de Umbuzeiro limita-se ao Norte com Campina Grande e Ingá, a Leste com Itabaiana e o Município de Pernambuco e Macaparana, ao Sul com Bom Jardim e Taquaritinga do Norte em Pernambuco, ao Leste com a área do Município de Cabaceiras.

Vemos, através do mapa, que o Município tem uma forma estreita e ligeiramente alongada, ocupando 0, 0046% do Território Nacional.

3.3 A CONQUISTA DE UMBUZEIRO

No dia 08 de outubro de 1713, Marcos de Castro Rocha deteve com mais três léguas de comprimento por uma largura para cada um cuja romaria esta identificada a cidade de Umbuzeiro e adjacências.

A história registra a participação do Município na guerra contra os Holandeses, no episódio acontecido no Riacho Natuba em 17 de novembro de 1636.

3.4 RELEVO, VEGETAÇÃO E CLIMA

O relevo do município e sua vegetação por se encontrar numa região de transição entre o agreste e o Sertão, início do Cariri, e devido também á altitude, possui uma vegetação de clima chuvoso e seco, árvores características: aroeiras, pereiro, xique-xique, veleiro, Juazeiro, sempre úmido, com suas folhas miúdas a desafiar a seca. Umbuzeiro pertence à vegetação arbórea arbustiva aberta.

Por localizar-se no Planalto da Borborema constitui-se uma das áreas mais altas do estado paraibano. Sendo que as maiores altitudes são registradas nas serras do Jucá, Oratório, Serra da Boa Vista e na Serra de Lagoa de Dentro.

3.5 CLIMA DE UMBUZEIRO

As estações habituais são de abril a setembro, inverno, e de outubro a março, verão. O clima é dos mais agradáveis, podendo ser classificado como quente e seco na região da caatinga e quente e úmido na região serrana.

3.6 HIDROGRAFIA

A mais forte característica dos nossos rios é que durante a época das chuvas, correm com bastante água e na estiagem diminuem chegando a secar. Por isso, são chamados rios temporários que nasce na serra de Jabitacá em Monteiro, no Planalto da Borborema, banhado o município em toda sua extensão, de leste a oeste e, separando-o do município de Aroeiras tendo como seus afluentes no município: Riacho, Umbuzeiro, Matinadas, São Bento, Caruá, Massapé e Riacho da Cruz. O Município de Umbuzeiro está á margem esquerda do Rio Paraíba. A pluviosidade do Rio Paraíba média anual está entre 800 a 1200 mm.



Figura 2 RIO PARAIBA -UMBUZEIRO : LINDOMAR

3.7 ECONOMIA DE UMBUZEIRO

Segundo o historiador Eduardo Gomes o município de Umbuzeiro tem sua economia baseada pela agricultura familiar, possuindo destaque na pecuária. Os produtos agrícolas mais cultivados são: algodão, milho, feijão, fava, mandioca, etc. O comércio é varejista de produtos alimentícios, todos os produtos de primeira necessidade.

Além do rebanho bovino, destacam-se o rebanho caprino e o ovino. Produtos principais: bovinocultura de leite, com regime de exploração semi-intensivo. O município pertence á bacia leiteira do estado destacando a EMEPA (Estação Experimental João Pessoa), onde há maior criação do gado GIR.

A ocupação do solo do município vem acontecendo gradativamente, porém ainda é bastante irregular, pois, existem grandes latifúndios e boa parte da população procura um pouco de terra, para construir ou criar sua propriedade, o que não acontecendo, migram em busca de emprego em outras cidades e capitais. Mas, mesmo assim, com as distribuições de terra irregular na ocupação do solo municipal, a maior parte da população da zona rural deseja mudar-se para cidade por ter mais acesso a trabalho no comércio local ou até mesmo como doméstica nas residências de algumas pessoas, ou até mesmo como funcionários da prefeitura local que oferece alguns contratos em algumas áreas como: na Secretaria de Educação e Secretaria de Assistência Social (SEMTRAS), outros nas vendas da feira local que acontece nos finais de semana, como também, nos transportes alternativos.

As principais atividades econômicas são: a agricultura e a pecuária. A indústria é de pouca expressão, limitando-se à de panificação e indústria caseira de pequena representação, onde posso destacar algumas delas: as pequenas empresas de bolos, doces e salgadinhos da cidade. Também vale a pena lembrar as bordadeiras manuais tais como: o crochê, ponto cruz, artes em tela, etc.



Figura 3 EMEPA (ESTACÃO EXPERIENCIAL JOÃO PESSOA)- UMBUZEIRO : LINDOMAR



Figura 4 FEIRA POPULAR - UMBUZEIRO :LINDOMAR



Figura 5FEIRA POPULAR- UMBUZEIRO: LINDOMAR

3.8 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO ESTÁ DIVIDIDA EM QUATRO PARTES

Primeira fase: A ocupação é o surgimento até 1889. Nesse período, a história não nos mostra que, foram os primeiros povoadores, apenas dá-nos referências mais ou menos aceitas. Nas

Acreditamos que a ocupação territorial se deu pelos “Índios Cariris”, que foram habitantes comuns na região que tem seu nome.

A povoação do nosso município se deu á sombra de frondosos Umbuzeiros, sob os quais se abrigaram os almocreves e tropeiros, que por aqui passavam com destino a Campina Grande, vindos de Limoeiro, Bom Jardim e até Recife, defendendo-se do calor do sol horas mais quentes do dia e, até usando-os como ponto para pernoitar e recuperar as energias para a caminhada do dia seguinte.

Devido à abundância de Umbuzeiro, planta que produz um fruto amarelo esverdeado, de polpa mole, refrigerante e ácido agradável, com a qual se preparam às gostosas umbuzadas, sucos, e licores, e, cujas raízes tuberosas servem de alimento e mata a sede; é que foi escolhido para o povoamento que surgia o nome de Umbuzeiro. Região alta de bonita visão regional e clima agradável. Segundo pesquisa realizada com os moradores mais antigos, afirmam que os primeiros habitantes daqui foram os coronéis José da Silva Pessoa, Manoel de Assunção e José Severino da Silva Calafange.

Segunda Fase: Foi de 1890 a 1940 já no final do Século XIX, nasciam os primeiros movimentos com ideias de emancipar a Vila de Umbuzeiro, que pertence ao Município de Ingá.

E no ano de 1890 ocupava o cargo de Secretário do Governo da Paraíba o Sr. Epitácio Pessoa, era Presidente do Estado Paraibano, o Doutor Venâncio Neiva, hora propicia para a da realização das ideias dos Filhos de Umbuzeiro. Onde o Dr. Epitácio Pessoa redigiu o decreto de número 15, que criou o Município de Umbuzeiro, assinado no dia 02 de maio de 1890, que elevou Umbuzeiro à condição de vila e sede do Município do mesmo nome, onde houve várias dificuldades que prejudicaram o desenvolvimento da vila, inclusive a falta d’água que até hoje é o caso do nosso Município. Pelo decreto de número 25, foi revogado pelo decreto número 15, que transferiu a sede do município para o lugarejo conhecido por Barra de Natuba, as margens do Rio Paraíba, que durou de 1892 até o ano de 1904, após uma grande enchentes que dizimou o lugarejo. Em 1904 existia em Umbuzeiro 108 casas.

O município estava dando seus passos para um novo crescimento, mas, por obra do destino, no dia 26 de Julho de 1930 houve um grande acontecimento que abalou a pequena vila de Umbuzeiro com a morte de seu Ilustre Filho que era Presidente da Paraíba o Dr. João Pessoa do nosso município.

Terceira fase: Período de estagnação do crescimento da cidade no ano de 1941 a 1976, onde a população decresceu tendo a Emancipação de Aroeiras em 02 de dezembro de 1953 pelo decreto número 980.

Quarta fase: Já no Início do ano 1977 em diante, apesar da estagnação e, do retrocesso observado pelos moradores e que na fase anterior foi difícil, mas a partir de 1977, Umbuzeiro retoma de maneira lenta seu crescimento.

Em janeiro de ano de 1990, foi fundada a Escola de 2º Grau “Cônego Antônio ramalho de Alencar”, onde passou a funcionar o antigo Magistério, hoje Normal Médio, que pertencia à rede Municipal de ensino. O Cônego Antônio Ramalho foi um dos primeiros Padres a morar longos anos aqui em Umbuzeiro. Construiu junto com a comunidade a Igreja Matriz e muitas outras Capelas no município de Umbuzeiro e na cidade de Santa Cecília que foi emancipada, deixando suas independências com o município de Umbuzeiro e tendo o seu próprio desenvolvimento e avanços. O Cônego Antônio Ramalho deixou suas marcas na história da paróquia de Umbuzeiro com ações empreendedoras da comunidade. Todo período de sua vida foi marcada por dados importante e situações que ficaram na história de qualquer pessoa. Instituições e comunidade passam de ser um pouco árduas e muitas vezes se comparando com situações difíceis.

No decorrer de sua existência, cidadãos deixavam suas marcas e algumas destas profundas que jamais o tempo não destruirá o sentimento de fazer acontecer marcas para as gerações futuras a sua passagem.

Vida administrativa de Umbuzeiro com sua emancipação onde passou a ser governado por uma intendência Municipal, sendo a sede da administração o conselho da própria intendência. Nesta época ainda não existia o poder legislativo, sendo assim o Sr. José Severino da Silveira Calafange o primeiro mandato como prefeito intendente do município, assumido a administração do conselho da intendência no dia 20 de maio de 1890, mesmo assim, a vila de Umbuzeiro foi levada a categoria de cidade no dia 30 de março de 1938. Teve seu primeiro prefeito eleito com direito a votos o Senhor Carlos Pessoa, que foi eleito no 23 de dezembro de 1935, onde a pequena cidade ficou muito feliz em ter um prefeito filho de sua querida e hospitaleira cidade.

A vida legislativa do nosso Município é exercida pelos vereadores e, eles elaboram as leis e analisam os problemas e soluções de ordem administrativa e política do município.

A vida judiciária que logo após a emancipação do nosso Município elaborou um novo decreto, onde foi criado o de nº 26 de 09 de julho. Esse ato foi redigido pelo Secretário Epitácio Pessoa, que foi criada a comarca de Umbuzeiro, tendo como seu 1º Juiz o Dr. Antônio Severino Gonçalo de Andrade e hoje, o atual é Dr. Antônio Leobaldo.

Com a criação da comarca de Umbuzeiro, o Ministério Público, começou a atuar, sendo seu 1º Promotor o Bel Domingos de Abreu Vasconcelos e, o atual o Dr. Abraão Falcão de Carvalho que vem atuando com seu trabalho no Município.

O Município de Umbuzeiro tem seu calendário festivo vivenciado de acordo com as datas e meses. Por exemplo: no dia 1º de Janeiro é vivenciado o Dia Universal, temos festa no centro da cidade com bandas musicais que atrai milhares de pessoas e turistas de outras cidades circunvizinhas.

Nos mês de fevereiro é vivenciada a tão esperada festa de carnaval em que as pessoas se preparam a um bom tempo, para essa festa que a cada ano vem com mais novidades e desenvolvimento com melhoria no comércio local. Mesmo assim ainda no mês de fevereiro iniciam-se a quaresma que é vivenciada os quarenta dias que chega até abril, onde os fiéis católicos celebram a Semana Santa. Terminando a Semana Santa inicia-se a festa de Páscoa que vai até o domingo de Pentecoste.

No dia 02 de maio é vivenciado o dia da Emancipação Política de Umbuzeiro que é muito bem recordada pelo povo umbuzeirense. Ainda no mês de maio são celebrados os terços Marianos que são bem frequentados pelos fieis católicos.

No mês de junho são comemoradas as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro com muitas festas culturais, apresentações de danças juninas e um largo acervo cultural em torno da regionalização municipal.

No mês de agosto são comemoradas e vivenciadas as festas folclóricas com muito dinamismo cultural, onde temos as apresentações das danças de rodas, coco, ciranda, principalmente na região do Sítio Agudo (zona rural) que pertence ao município de Umbuzeiro.

Em setembro é recordado a Pátria e o dia 24 que é o Dia da Nossa Padroeira, mas, não é comemorada a festa religiosa, ficando assim. Para o mês de outubro, onde até o hoje a comunidade sempre esteve ligada a essa data de umbuzeiro povo de Deus, tem marcante que é no ultimo domingo de outubro que vem sendo celebrada desde o ano de 1902, a qual foi criada e determinada por Dom Aduino Aurélio de Miranda, Arcebispo da Paraíba na época a Nossa Senhora do Livramento em Umbuzeiro.

No mês de dezembro é vivenciado e celebrando o Natal e a festa de Réveillon no centro da cidade.

A vida Religiosas de nosso povo umbuzeirense que sempre esteve ligada às atividades modernas que começam a tomar novo fôlego junto as tradicionais, no limiar de um século de catolicismo da paródia as práticas católicas nesta parótica sempre foi aquecida às festas da igreja celebrada durante anos. Sempre tivemos várias comemorações que são ligadas a um calendário religioso pelos Padres que aqui passaram, onde se realizam vários serviços aos fiéis desta comunidade. Todos os anos durante a festa da Padroeira é realizado a primeira Eucaristia das crianças, para que necessariamente elas abrilhantem a procissão do Dia solene da festa com as roupas específicas a este Sacramento recebido neste tempo.

Aos domingos a Santa Missa é muito frequentada. Porém, é de se verifica que alguns serviços movimentos e pastorais estão agora tomando outras proporções nas comunidades que integram Umbuzeiro.

O movimento de mães Rainha também não é muito antigo por aqui, pois, começou em junho de 1992 com apenas 01 (um) grupo de família e, podemos dizer que houve um avanço considerável, pois hoje são: 150 famílias que recebem todos os meses a imagem peregrina da vencedora três vezes admirável de Schoenstatt e a conduza até seus lares com muita devoção.

De mais antigo o que tem é o apostolado da oração, que tem registro paroquial desde 1922 com o Padre José Vital e atualmente está com dificuldade de continuar devido á disponibilidade muito pequena dos associados, como afirma a Presidente do Apostolado, a Senhora Maria Barbosa, que, no entanto, as fazem presente com suas fitas vermelhas à missa da sexta-feira de cada mês, onde algumas delas zelam pelos altares da Matriz e fazem visitas aos doentes das comunidades. As atividades religiosas no território que hoje compreende a Paróquia do Livramento vêm desde os tempos coloniais e demonstram a grande doação dos fiéis que começaram a formar as comunidades destas terras.

A primeira Matriz foi erguida às pressas, como conta o pesquisador e historiador Dr. Eduardo Gomes, e logo que termina a 26 de outubro aquele ano, e oficialmente criada mais uma parcela do povo de Deus. A 27 é empossado o primeiro Pároco Gabriel Toscano da Rocha o qual foi sucedido por vários Padres visitante até a posse do Padre José Vital Ribeiro Bessa em 1922. Neste tempo, a Matriz, pelas condições em que foi construída, dava sinais de deterioração das estruturas físicas, levando o povo e os líderes políticos a alavancar recursos para erguer uma nova Matriz, que assim aconteceu em 1941, através dos esforços maiores do Cônego Antônio Ramalho sucessor do Padre Vital e da família Pessoa.

A imagem da padroeira é toda entalhada em lavrada e possivelmente adquirida em Portugal, à imagem de Nossa Senhora do Livramento foi doada por um casal de fazendeiros.

Havia também aqui a missão de Frei Damião que provocada desde antes de sua morte, manifestações de fé como romaria e até momentos de oração, onde o Frade era invocado como Santo na paróquia do Livramento em Umbuzeiro. As missões iniciaram-se no paroquiano Cônego Ramalho, tendo como convidado principal o frei Félix Olivado capuchinho do convento da penha do Recife e criador da ordem 3 de São Francisco, que de 9 a 14 de dezembro de 1936, realizou muitas pregações e louvores a Deus.

O mais importante dos Frades Missionário foi sem dúvida, Pio Giannotti, nascido em Bozzano, cidade do Norte da Itália, em 05 de novembro de 1898, popularmente conhecida por Frei Damião, que chegou ao Recife em 1931 para fazer missões pelo interior do nordeste, onde em Umbuzeiro levava milhares de fiéis as praças para ouvir suas pregações. O Município de Umbuzeiro eminentemente de fé católica, abriga outras religiões cristãs chamadas Evangélicas destacando-se a Igreja Evangélica Congregacional, que foi a primeira a se fixar e fazer cultos no município em 1940. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus teve início aqui em Umbuzeiro em 1976 com cultos e pregações Cristãs.

3.9 FILHOS ILUSTRES DE UMBUZEIRO QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO NOSSO PAÍS

Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu no Sítio Barros na Fazenda Marco de Castro, hoje fazenda prosperidade, a 23 de maio de 1865, a uns 6 km da sede do município.

João Pessoa Cavalcante de Albuquerque nasceu na cidade de Umbuzeiro-PB no dia 24 de janeiro de 1878 na época Vila, na casa Grande da fazenda prosperidade.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em Umbuzeiro na Rua Getúlio Vargas nº 11 – Centro.

3.10 VIDA EDUCATIVA E CULTURAL

Desde a emancipação do município investimento em é praticamente voltado á educação. Com transformação e levando jovens do município ao mercado de trabalho com mais conhecimento, oferecendo sala de aula ampliada com laboratórios de informática e cursos técnicos profissionalizantes, como a disponibilidade de veículos que conduz os jovens até a cidade de Campina Grande - PB e a Vitória de Santo Antão - PE.

A primeira professora nomeada pelo Estado para lecionar aqui foi Dona Diamantina Francelina Tavares Barreto, e a primeira nomeada pelo Município foi Dona Maria Pellina de S. Tiago, sendo que no dia 08 de outubro de 1924 foi inaugurado o grupo Escolar Estadual Cel. Antônio Pessoa que fica ao lado da Igreja Matriz.

Aos 21 de janeiro de 1987, foi inaugurado o grupo Escolar Maria Pessoa Cavalcante. Hoje essa escola abriga alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, obtendo mais dois anexos para atender as necessidades do município.

A Secretária de Educação também dispõem de uma belíssima Biblioteca Pública Município que tem como nome o saudoso Eptácio Pessoa, aonde vem atendendo as necessidades de comunidade e circunvizinhas com bons livros e acesso a internet para facilitar nas pesquisas, essa biblioteca foi inaugurada no ano de 1942 sendo considerada a maior biblioteca pública dos municípios vizinhos, material didático e cultural.

Nossa saúde, o município dispõe do Cento de Saúde “Sinhá Pessoa” e pequenas unidades de saúde em todo município, oferecendo bons atendimentos e primeiros socorros, nos casos mais graves dispõem de transporte até a cidade de Campina Grande-PB. O município presta assistência, oferecendo os mais relevantes serviços e fornecimento de medicamentos como na realização de exames biomédicos. Em 03 de setembro de 1979, foi fundado o Hospital “Marina “Pessoa”, que viveu tempos áureos e hoje, se encontra com dificuldades para se manter devido à falta de compromisso do governo do Estado com a população Umbuzeirense.

O símbolo do nosso município foi idealizado por João Pessoa Neto e, aprovado por lei municipal na administração de Terezinha Pessoa nos anos de 1977 a 1983. O mesmo apresenta as mesmas cores da bandeira do Estado, são: vermelho e preto, que expressa especialmente o luto pela morte de seu filho ilustre João Pessoa. No encontro das duas cores vemos o escudo do município, apresentando na parte inferior três ângulos e na superior dois. No interior do escudo vemos paisagens como: uma representa o firmamento, com as estrelas e o cruzeiro do sul, nesta mesma paisagem vê-se uma serra a nos lembrar de que estamos localizados no planalto da Borborema, outra nos fala da pecuária desenvolvida no município representada por um touro da raça “GIR”. Circundando estas tem outra, são ramagens representando as nossas principais produtos agrícolas. Na parte vermelha lê-se a palavra NEGO escrita em letras brancas, que traduz a rebeldias de João Pessoa ao rejeitar a candidatura de Júlio Preste da presidência da República.

A cidade de Umbuzeiro apesar de pequena, apresentar pontos geográficos de interesse geral e que deve ser conhecida pela população e visitantes.

4 CAPÍTULO 3

4.1 A HISTÓRIA DO CARNAVAL

O carnaval é um feriado de festas regidas pelo ano lunar ao cristianismo da idade média. Pelo “adeus à carne ou carne vale”, dando origem ao termo. Durante o período do carnaval, havia uma grande concentração de festas populares, onde cada cidade brinca a seu modo de acordo com seus costumes.

O carnaval moderno é feito de desfiles e fantasias, produtos da sociedade vitoriana do século XIX. A cidade de Paris foi o principal modelo exportador da festa carnavalesca para o mundo. Cidades como: Nice Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro se inspiraram no carnaval Francês para implantar suas novas festas carnavalescas.

Sendo que no ano de 2005, o carnaval de Salvador, Bahia – Brasil foi à maior festa de rua do mundo. Em Portugal existe uma grande tradição carnavalesca nomeadamente os carnavais da Ilha da Madeiras, onde saíram os imigrantes que haveriam de levar a tradição do carnaval para o Brasil, Ivar, Podence, Soulé, Sescembra, Rio Maior Torres Vidras e Sines, destacando-se o de Torres Vidras.

O carnaval mais antigo é dito o mais português de Portugal, que se mantém fiel à tradição receitando o samba e outros estrangeirismos, juntamente com o carnaval de Canas de Senhorim perto de 400 anos de tradições únicas como o Rizões, as Paneladas, Queima do entrudo, Risque, entre outros. Nos açores mais apropriadamente na Ilha Terceira, reside uma das formas mais peculiares do carnaval em Portugal, as danças e Bailinhos de carnaval. Está tradição dita como a maior manifestação de teatro dos primeiros povoados e reflete um estilo teatral, um ao jeito dos altos vicentinos.

A festa carnavalesca surgiu a partir da implantação, no século XI, da Semana Santa pela Igreja Católica, antecedida por quarenta dias de Jejum à Quaresma. Esse longo período de privações acabaria por incentivar a reunião de diversas festividades nos dias que antecederiam a quarta-feira de cinzas, o primeiro dia da quaresma.

A palavra CARNAVAL está desse modo, relacionada com a vida de afastamento dos prazeres da carne, marcado pela expressão “canevall”, que acabou por formar a palavra “carnaval”.

Sendo que o carnaval em geral tem duração de três dias, os dias que antecedem a quarta-feira de cinzas. Em contraste com a Quaresma, tempo de penitência e privações, esses dias são chamados “gordos”, em especial a terça-feira (terça-feira gorda, também conhecida

pelo nome Francês: Mardi Gras último dia antes da quaresma). Nos Estados Unidos o termo Mardi Gras é sinônimo de carnaval. No período do Renascimento as festas aconteciam nos dias de carnaval incorporando os bailes de máscaras com suas ricas fantasias e os carros alegóricos.

Ao caráter de festas populares e desorganizadas, juntaram-se outros tipos de comemorações e progressivamente a festa foi tomando o formato atual.

Posso afirmar, ainda que, todos os feriados eclesiásticos são calculados em função da data da páscoa com exceção do natal. Como o domingo de Páscoa ocorre no primeiro domingo após a lua cheia, que se verificam a partir do equinócio da primavera, no hemisfério sul, e a sexta-feira da paixão é a que antecede o domingo de páscoa então a terça-feira de carnaval ocorre quarenta e sete dias antes da páscoa.

É de grande importância afirmar que o carnaval é considerado uma das festas populares mais animadas e representativas do mundo. Tendo sua origem no estudo Português onde, no passado, as pessoas jogavam umas nas outras, água, ovos e farinha. O estudo num período anterior a quaresma e, portanto, tinha um significado ligado à liberdade. Este sentido permanece até os dias de hoje no carnaval. Desde então o estudo chegou ao Brasil por volta do século XVII e foi influenciado pelas festas carnavalescas que acontecia na Europa. O Rei Momo (Rei do carnaval), símbolo teatral com seus trajetos característicos e alegorias. Momo entre os Gregos e Romanos era o ator que interpretava uma peça familiar e burlesca, aparecendo com suas figuras pulentas. Momo também servia para designar um gênero de comédia em que o ator representava por meio de gestos, ações e sentimentos: mímica e pontomima.

A mímica entre gregos e romanos representava o grotesco e o ridículo, na forma em que ridicularizavam os costumes da época, sempre com muita zombaria e exageros.

No teatro grego e romano a figura do momo foi assimilada pelo carnaval da Idade Média na França e Itália, tornando-se o Rei Momo – Rei do Carnaval, da alegria, da bebedeira, da música, da farra, no ciranda dias de Momo.

No Brasil, a figura do Rei Momo foi introduzida com grande sucesso no carnaval a partir do século XIX, com costumes traduzidos pela Família Real Portuguesa. Foi nos primeiros bailes de salão do Rio de Janeiro, durante o carnaval Imperial, que se popularizou o Rei Momo.

No Brasil, no final do século XVII começaram a aparecer os primeiros blocos carnavalescos: Cordões E os Famosos Corsos. Estes últimos tornaram-se mais populares no começo do século XX.

As pessoas passaram a se fantasiar e decorar seus carros, e em grupos desfilavam pelas ruas das cidades, daí dá-se a origem dos belíssimos carros alegóricos, das grandes escolas de Samba atuais.

Já no século XX, o carnaval foi crescendo e tornando-se cada vez mais popular. Sendo que esse crescimento ocorreu com ajuda das Marchinhas Carnavalescas. As músicas deixam o carnaval cada vez mais animado.

Allah-lá-ô, ô ô ô ô ô ô

Mas que calor, ô ô ô ô ô ô

Atravessamos o deserto do Saara

O sol estava quente

Queimou a nossa cara

Vimos do Egito

E muitas vezes

Nós tivemos que rezar

Allah! allah! Allah, meu bom allah!

Mande água pra ioiô

Mande água pra iaiá

Allah, meu bom allah!

Composição: Haroldo Lobo/Nássara

A primeira escola de Samba surgiu no Rio de Janeiro e chamava-se Deixa Falar. Foi criada pelo Sambista Carioca chamado Ismael Silva.

Anos mais tarde a Deixa Falar transformou-se na escola de Samba Estácio de Sá. A partir daí o carnaval de rua começa a ganhar um novo formato. Começam a surgir novas escolas de samba no Rio de Janeiro e em São Paulo, organizadas em ligas de escolas de samba mais bonitas e animadas.

O carnaval do Brasil é a maior festa popular do país. Esta festa hoje acontece durante quatro dias que precedem à quarta-feira de cinzas.

A quarta-feira de cinzas tem este nome devido à queima dos ramos no domingo de ramos do ano anterior, cujas cinzas são usadas pelo prazer aos fiéis ao início da quaresma.

Sendo que, no final do século XVII, o entrudo era praticado por todo o país, consistindo em brincadeiras e folgedos que variavam conforme os locais e os grupos sociais

envolvidos. Os primeiros atrativos de civilizar a festa carnavalesca brasileira foram através da importação dos bailes e os passeios mascarados parisienses, colocando o entrudo popular sobre forte controle policial. Foi a partir do ano de 1830, uma série de proibições vão se suceder na tentativa, sempre infrutífera, de acabar com a festa grosseira.

No século XIX, toda uma série de grupos carnavalescos ocupam as ruas do Rio de Janeiro, servindo de modelos para as diferentes folias. Nessa época, esses grupos eram chamados indiscriminadamente de cordões, vadios e loucos. Em 1890, Chiquinha Gonzaga compôs a primeira música especialmente para o Carnaval, “Ô abre alas”.

Essa música tinha sido composta para o cordão: Rosas de Ouro que desfilava pelas ruas do Rio de Janeiro durante o carnaval. Nessa época os foliões costumavam frequentar.

4.2 MÁSCARA DE CARNAVAL

Na antiguidade, em festas realizadas pelos povos altos, realizavam-se procissões com bois que transportavam mascarados que executavam danças e cantavam o decano satírico.

No teatro grego, há mil anos antes de Cristo, a máscara foi usada tanto na tragédia como na comédia, atendendo a várias funções: diferenciar sexo e idade. Permitir a encenação de mais de um papel pelo mesmo ator. A máscara foi um recurso também usado no teatro romano, medieval e na comédia DELL ARTE.

No século XI, o carnaval de máscara de Veneza na Itália chegou há durar seis meses. A nobreza veneziana tinha a oportunidade de juntar-se com o povo preservando sua identidade verdadeira atrás das máscaras.

O disfarce era convincente tanto para as damas como para as prostitutas, assim como para os senhores e mendigos, com as máscaras as diferenças sociais eram abolidas e todos se reunião somente para se divertir.

No Rio de Janeiro, no ano de 1934 surgiram os primeiros bailes de máscaras, introduzidos no Brasil por influência francesa e a partir 1986, uma novidade mascarada anima ainda mais o carnaval carioca: o Zé Pereira. Uma tocar de bombo que se apresentava nas noites de sábados, montado num cavalo todo enfeitado, usando como máscara um cabeção.

Em Pernambuco no século XIX, surgem os mascarados de rua chamados de portugueses e caretas, que viraram símbolos do carnaval de rua na cidade.

Atualmente no Rio de Janeiro e em varias cidades as escolas de samba fazem desfiles organizados, com verdadeiras disputas para as eleições para saber qual seria a melhor escola do ano, a mais bonita, quem desfilou melhor, sendo que cada uma vem com sua homenagem,

seus resgates. Daí vem o crescimento vertiginoso dessas agremiações e o processo de criação que gera muito emprego, onde cada grupo mostra sua especialidade gerando crescimento dessas escolas, levando a concentração nos chamados Barracões das Escolas de Samba. O desfile mais tradicional acontece no Rio de Janeiro na passarela do samba como é chamado o sambódromo carioca, que foi o primeiro a ser construído no Brasil. Anda posso citar outros belíssimos desfiles como o de Florianópolis, Porto Alegre e, em Vitória.

Além dos desfiles das escolas de Samba acontecem os desfiles de blocos e bandas, com grupos de pessoas que saem desfilando pelas ruas das cidades para se divertirem sem competição.

Há também os bailes de carnaval realizados em Clubes ou em áreas públicas abertas com execução de músicas carnavalescas. O carnaval de rua mostra sua tradição originária na Região Nordeste no Brasil. Nas cidades do Recife e Olinda as pessoas ainda têm tradição de sair pelas ruas durante o carnaval no ritmo do frevo e do maracatu.

Sendo que, na cidade de Salvador existem os trios elétricos embalados por músicas dançantes de cantores e grupos típicos da região.

Os desfiles de carnaval fizeram parte do chamado “carnaval de rua”, que é uma posição a um carnaval fechado realizado em clubes, uma festa realmente caseira. Pois, foi antes dos bailes se tornarem populares a partir de 1840, já se desenrolavam na casa sem muita ordenação em termo de público. Era uma festa familiar e de bairros muitos próximos da própria forma que o originou o famoso entrudo original de Portugal. O carnaval de “rua”, em posição ou contraste com o carnaval de clube, refaz a segmentação clássica, utilizada todas as vezes que falamos dessa festa maravilhosa. Na rua, o carnaval consome, sobretudo, a forma de um encontro aberto, dominado no Rio de Janeiro pelo desfile das Escolas de Samba. Ao passo que nos clubes se trata de um ambiente, mas bem marcado, pois, o próprio espaço físico é privado. Mesmo assim, requer uma reflexão ver que existe uma relação entre rua e clube, ambos reproduzem seus respectivos contextos e a mesma posição.

O carnaval de rua, os desfiles das Escolas de Samba ou Blocos provocam o fechamento do espaço carnavalescos, já que, existem associações de pessoas que se reúnem para promover desfiles. Quando passam, as ruas e avenidas demarcam um público que apenas vê os desfiles que se mostram. Pela mesma logica o carnaval de Clube tem um fechamento muito relativo. Primeiro porque tem compra de ingressos, como é uma tradição que já é típico do carnaval, onde os clubes são fechados exclusivos para reunir por meio de ingressos levando a logica público-social-moral para serem denominados pelo plano econômico que no carnaval se torna abertamente abrangedor uma vez que, dentro desses clubes, encontra-se uma

estrutura que repete a mesma posição. Mas, temos a alguns lugares de destaque como o palco onde fica a orquestra. O salão onde as pessoas possam brincar individual ou coletivamente, podendo sair e entrar como bem entenderem em volta do salão. Ainda tinha aos seus redores conjuntos de mesas. Esses espaços são fechados com mesas e cadeiras, os chamados “camarotes”, onde pessoas possuem obviamente um espaço reservado. Mesmo assim, repete-se então a mesma lógica do carnaval de rua com espaços e planos carnavalescos mais ou menos fechados. No salão, que é o centro ou arena de festas, o plano é sempre individual ou coletivo. Em algumas cidades tem uma estrutura aberta, como a própria rua, com belíssimos desfiles permanente de pessoas(onde os mesmos passam a ser chamados ”filões de loucos”, brincando individual ou em casais ou coletivamente, num movimento circular, de modo que todos são vistos por todos e pelos que estão nas mesas e nos camarotes) sendo que o espaço ocupado pelas mesas e camarotes representam um plano privado e muito menos aberto, pois, temos grupos de pessoas que geralmente são familiares ou casais, amigos incorporados. A área das mesas e dos camarotes é sincronizada. A própria casa ou o local onde as pessoas observam o povo desfilando nas ruas ou no salão.

O mesmo ocorre com os camarotes com a diferença de que o seu espaço é ainda mais fechado e as pessoas podem ser vistas por quem está no salão ou em outro local do clube. O Carnaval de Umbuzeiro nos anos de 1909 a 1991 era dividido em grupos, pois existia um preconceito entre grupos, branco, rico, negro e pobre, eles em suas festas não se misturavam.

Os blocos dos brancos eram chamados de UFC, nessa associação só participava pessoas de alta sociedade. Aquelas pessoas negras e pobres tinham suas associações para juntos festejar e brincar seu carnaval do seu modo. Foi por causa dessa divisão que vieram a ser fundados outros blocos, como foi o caso do bloco dragão de mono, coordenado pelo senhor: Inácio Pereira, esse bloco se reunia em outro espaço da cidade tendo sua sede localizado no bairro do pau santo, tendo a frente dessa associação o senhor Abdias Lins Pimentel e José Candido, todos esses residiam em Umbuzeiro. Aquelas pessoas negras e pobres tinham suas associações para juntos festeja e brincar carnaval de seu modo.

No ano de 1920 existiam em Umbuzeiro os seguintes grupos de carnaval, UFC, Ais de Ouro, Urso Branco, Estrela do Brasil, Turma da Caveira, nessa época as pessoas que frequentavam tinham por obrigação de estar acompanhado de seus familiares durante o tempo em que estavam acontecendo à festa esses blocos eram organizados através de associação, antes do carnaval o presidente do bloco junto aos sócios, saiam nas casas para arrecadar dinheiro para realizar o evento e faz as fantasias das meninas e dos meninos que dançavam durante o baile, sendo que essas pessoas ganhavam suas fantasias uma para sair nas ruas com

as bandeiras desfilando, e outra para dança a noite, era um grupo de 12 moças e 12 rapazes vestidos com as cores de seu cordão e sua bandeira.

As moças após o desfile ganhavam presentes e dinheiro para comprar o tecido e fazer as roupas para dançar durante o dia e a noite tinha outra roupa para dançar no salão.

Esses desfiles eram organizados, cada bloco possuía sua musica para sair no seu horário desfilando com sua bandeira pelas principais ruas da cidade, caso acontecesse que os blocos se encontrassem eles se cumprimentavam cantando sua musica um para o outro.

Música

Esse nosso querido Umbuzeiro,

Esse nosso torrão muito amado.

Quem trabalha no campo e na praça

Também se diverti muito. (Bis)

(Autor Mestre Zé Souto)

Naquela época algumas moças se vestiam com roupas de ciganas para dançar o “coco de roda” que é muito conhecida na região.

O Coco também é chamado “bambelô” ou “zamba”. É um folguedo dançando na região praiana do Norte e do Nordeste, sobretudo em Alagoas. É uma dança de roda ou de fileiras mistas, de conjunto, de pares, que vão ao centro e desenvolve movimentos ritmados, tendo com destaque o passo da umbigada que, ao ser realizado, anuncia a entrada de outros solistas no circo. A percussão tem destacada presença na musica da dança e é normalmente acompanhada por palmas e sapateados hoje realizados com tamancos para imitar o barulho dos cocos quebrados.

Sua origem é bastante discutida, a quem afirme que aqui tenha chegado à bagagem dos escravos africanos e há quem defenda a teoria de que ela seja o produto do encontro da raça negra com o nativo local. Contasse a história que os negros para aliviar as dores do trabalho de quebrar os cocos secos com os pés e embalados pelo barulho que faziam, cantavam e dançavam.

Apesar de mais frequente no litoral, acredita-se que o Coco tinha surgido no interior de Alagoas, provavelmente no Quilombo dos Palmares, onde se misturavam escravos, índios com africanos, no início da vida social brasileira (época colonial).

A dança do Coco continua sendo a expressão de desabafo da alma popular, da gente mais sofrida do Nordeste brasileiro. O Coco, a exemplo de outras danças tipicamente

brasileiras, apresenta grandes variedades de formas. Variadas são as modalidades, com forme o texto poético, a coreografia, o local e instrumento de música.

Entre esses camarotes, a mesa e o salão são enfeitados, que podem ser sempre recortados levando a brincar no camarote. Observando bem a uma mesma posição entre rua e clube. Até mesmo porque nesses lugares encontram-se mesas que é lá onde as pessoas descansam o corpo: Bebendo, comendo e finalmente param de dançar e cantar na forma caracteristicamente carnavalesca de brinca. Recuperar o corpo na mesa, aproximando ainda mais essa área da dimensão da casa como categoria social. Esse salão fica como a rua em um lugar onde as energias são gastas para depois serem recuperadas nas mesas.

O carnaval como cotidiano, tem dois planos fundamentais a rua e a casa. Entre um e outro se encontram suas próprias reproduções como se o sistema evitasse seu fechamento em dois tipos de carnaval radicalmente (diversos). Aliás, é essas a impressão que se tem após uma análise superficial de ambas as formas que contêm os elementos clássicos do desfile: no clube com as pessoas circulando ”no salão, na rua, com as pessoas se engajando em grupos”. Em quanto mais fechada à corporação carnavalesca, mais próxima ela fica no verdadeiro muro de um clube, maior sua capacidade de poder utilizar o espaço em principio aberto e livre na rua.

O carnaval seja ele nas ruas, nas vilas, nas avenidas, nas praias, nos clubes, em escolas ou em casa requer um lugar apropriado e adequado para ser festejado, mesmo em clube que é um lugar fechado ele precisa ser preparado com motivos alegres que lembre as grandes festas carnavalescas.

O movimento carnavalesco não se diferencia de outro movimento e situações, já que todos exigem um local especial para sua realização. Esse evento tem um caminho altamente ritualizado porque é abertamente consciente de si mesmo, busca um caminho sem preocupação, sem destino, é um caminho alegre. O carnaval é um momento sem dono, posto que são de todos. Os antigos carnavais de Umbuzeiro são tão conhecidos.

O Mestre Zé Souto, foi o folião mais famoso do carnaval de Umbuzeiro. No início do Século XX, Umbuzeirense nascido no século XIX recebeu o título de Coronel.

Hoje o carnaval atual de Umbuzeiro, ainda mantém alguns costumes, como o banho no caminhão pipa, os papangus, o mela-mela. Segundo pesquisa realizada com pessoas filhos da cidade, afirmaram que 80% do povo Umbuzeirense gostam da festa carnavalesca, sendo essa uma festa tradicional que vem sendo festejada desde o ano de 1909.

Naquela época existiam bons carnavais. Hoje essa festa conta com o apoio da Prefeitura Municipal que vem dando as bandas para realização dos bailes noturnos que acontecem no centro da cidade. Baile esse que dá início as 8:00h da noite e termina as 12:00h

da noite (não pode passar do horário por ser realizado na rua-poluição sonora e para não incomodar as pessoas que moram perto).

Esse carnaval tem sua abertura 15 dias antes com o famoso “grito carnavalesco”. Nesse dia, é realizado um baile no Clube Municipal. Dando-lhe continuidade na sexta-feira que antecede o sábado de Zé Pereira com o bloco da Melhor Idade que já vem se apresentando há cinco anos, com um baile chamado Bloco da Saudade. Nesse dia já temos o arrastão dos Movidos a Álcool, que tem cerca de 400 participantes logo após vem o grande Bloco do Zé Pereira conduzindo os bonecos de Olinda e, jogando Maisena que é um sinal de alegria que está aberta a festa de carnaval. Desse dia em diante os foliões passam a comemorar cada um do seu jeito.

Desde então, a Prefeitura patrocina uma orquestra de frevo que vem de Bom Jardim ou São Vicente Ferrer, para realizar os arrastões que acontece. Durante esses arrastões são jogados: ovos, farinha de trigo, meu de rapadura, tintas e ainda temos o banho no centro da cidade que é feito com água de um caminhão pipa que já fica a disposição. Esse bloco é chamado “Bloco do mela-mela”.

Logo à tarde temos no Clube Municipal patrocinado pela Prefeitura o Matinê para as crianças e adolescentes da cidade que é animado com orquestra. Terminando essa Matinê, os foliões vão se organizando em seus determinados locais para o desfile nas ruas usando suas camisetas de blocos.

Hoje temos aqui em nossa cidade, registrado no cartório sete blocos. Todos esses saem nas ruas com suas camisas com sua alegria que vem animando a nossa maior festa popular. Durante todos esses dias as pessoas param para beber cerveja no centro da cidade, é uma festa que chama atenção de inúmeros turistas que vem visitar a cidade de Umbuzeiro. Ainda temos durante o dia as brincadeiras, os papangus que andam pela cidade. Todos participam desse evento, do mais carente ao rico, é uma festa que vem para animar o povão. Tudo encerra na quarta-feira de cinzas com um grande arrastam que percorre as ruas da cidade e só termina na frente da Igreja Matriz com a música que diz o seguinte: Oh quarta-feira ingrata. Chega tão depressa. Só pra contrariar.

Desse dia em diante a cidade entra em sinal de luto se preparando para a Páscoa do Senhor.

4.3 A HISTÓRIA DO BLOCO

O bloco TÔATÔA foi criado em 29 de novembro de 2006, teve objetivo de representar o Bairro da Forquilha que era o único Bairro do Município de Umbuzeiro que não tinha representação no carnaval da cidade.

O Bloco tem como fundadores: José Edjânio Henrique da Costa e Rafael Severino da Silva, mas conta com uma equipe 03 pessoas que colabora com o bloco: Daniella Henrique da Costa, Adriano Cabral e Lenilson Goiana.

A primeira apresentação do bloco foi no ano de 2007, e contou com a participação de 110 foliões além da saída do bloco no domingo de carnaval, o bloco trouxe esse ano a banda de pagode Canto Nacional da cidade Paudalho que se apresentou duas semanas antes do carnaval 2007 no Clube Municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos possuem identidade cultural que os caracterizam e os diferenciam um dos outros. O processo de construção dessa identidade se dá através da evolução histórica. A cultura é reflexo do conjunto de práticas, crenças, conhecimentos adquiridos e praticados através dos tempos. Neste sentido, cada povo possui um bojo cultural vasto que o define e o identifica. Deste modo, somos seres criadores de diferentes tipos de culturas que contribuem em todos os seguimentos da sociedade, particularmente na educação, pois a cultura tem o poder transformador e modificador de cenário e mentes. A cultura é a exteriorização de conceitos e valores, onde pessoas descobrem que podem fazer parte de algo maior do que suas vidas, suas famílias.

Diante do presente estudo realizado em torno da história e atualidade da cidade de Umbuzeiro, concluímos que a cultura, em suas formas diversas, traz sim desenvolvimento para a cidade. Esse desenvolvimento é bem dinâmico, mesmo em meio a dificuldades existentes na cidade como a falta de incentivos da parte pública, haja vista não existir nenhuma participação do poder público diretamente, mesmo assim as pessoas e os movimentos ligados à cultura insistem em levar adiante os costumes e tradições, como é o caso das comemorações da semana santa e a festa da padroeira Nossa Senhora do Livramento que acontece em outubro, celebradas com novena missa, procissões e quermesse.



Figura 6 FESTA DA PADROEIRA - UMBUZEIRO :LINDOMAR

As festas juninas principalmente o João e São Pedro (Santo Antônio e São Paulo, também santos comemorados no mês de junho).



Figura 7 FESTA JUNINA- UMBUZEIRO:LINDOMAR

Nesta época as escolas também possuem papel de grande importância, realizando quadrilhas (em geral seguinte o modo tradicional e não o estilizado que prepondera em várias cidades). O município não tem histórico de grandes festas neste período como acontece em várias cidades, ao contrário são mantidas as tradições de festas de outrora, ou seja, as famílias se encontram ao redor de uma fogueira, geralmente em sítios, para celebrarem os santos com festejos, fogos e comidas típicas como pamonha, canjica e milho assado na fogueira.

Portanto, são notórios os benefícios que os movimentos culturais trazem à nossa sociedade, fazendo com que permaneçam vivos alguns ensinamentos, credos, e principalmente, o significado da vida em sociedade, em como conviver em grupo pode ser prazeroso, uma vez que atualmente devido muitas tentativas de heterogeneização da cultura, manter a prática de tradições culturais torna-se difícil. Desta forma, através do que já foi exposto neste trabalho, Umbuzeiro ainda tenta conservar as práticas que fazem manter vivas suas raízes, mesmo que consiga também enquadrar-se na cultura de massa realizando eventos modernos como Carnaval fora de época fazendo, desta forma com que haja uma interculturalidade local, na qual o novo convive harmonicamente com o tradicional. Evidentemente que esta relação pode ser conflitante em alguns momentos e é preciso que os

cidadãos tenham a percepção e a consciência de que é preciso que os cidadãos tenham a percepção e a consciência de que é preciso preservar as manifestações culturais que vem sendo passadas de geração em geração, mas não se pode fechar os olhos às novas realidades, pois estas também compõem o nosso arcabouço cultural, é necessário que sejam reconhecidos, porque são reais, todavia é necessário que se desenvolva criticidade desta realidade atual suas manifestações, alcance e influência.

E se tratando de cultura o que se busca é o desenvolvimento e o não mero crescimento, pois este visa apenas o fator econômico, em contrapartida aquele possui questões mais amplas. O desenvolvimento só é pleno quando há a melhoria da condição humana, em seus aspectos sociais, educacionais e de prática da cidadania, neste sentido a prática cultural contribui para a efetivação do desenvolvimento, no caso específico, na sociedade de Umbuzeiro, município foco deste estudo embora, seja inequívoco que as condições oferecidas precisam de profundas melhorias para que as manifestações possam ocorrer de forma mais contínua e eficaz.

REFERÊNCIAS

BARRETO, João Júlio. **Revista 100 anos de fé**. Ed. OFF- SET, 2003.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 5ª edição, 2009.

_____. **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de políticas para o desenvolvimento: Banco do Brasil, 2009.

GOMES, Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos, nossa terra, nossa história, nossa gente**. Ed. OFF – SET, 1995.

MATTA, Roberto da. **Carnavais Malandros e Heróis**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ORTIZ, Renato, 1947. **Cultura brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PERICO, Rafael Echevery. **Identidade e território no Brasil**. Tradução de Maria Verônica Moraes Souto. Brasília: Instituto Internacional de Cooperação para a agricultura. 2009.

PFEIFFER, Cláudia Ribeiro. **Desenvolvimento e cultura: parâmetro para a reflexão dessa complexa relação. Turismo, Cultura e Desenvolvimento**. Organizadores/Maria Dilma Simões Brasileiro/ Julio Cesar C. Medina/ Luzia Neide Coriolano. EDUEPB/ Campina Grande, 2012.

RIVERO, Osvaldo de. **O mito do desenvolvimento: Os Países Inviáveis no Século XXI**. Tradução de Ricardo Anibal Rosenbusch, Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

SILVA, René Mara da Costa. **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/MEC. Brasília, 2008.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

Site:

www.carnavalbrasileiro.com. Acessado em: 2015.